

Caros colegas da Área de Letras e Linguística,

Através desta carta aberta, viemos prestar-lhes esclarecimentos acerca de uma especificidade do tipo de trabalho científico que é normalmente conduzido por pesquisadores no campo da Psicolinguística, tipo de trabalho este que vem se expandindo para outras subáreas de especialização na Linguística brasileira. Buscamos igualmente propor-lhes linhas de reflexão e ação frente a tal especificidade. Trata-se da natureza eminentemente colaborativa da pesquisa experimental, que envolve a construção de equipes laboratoriais e redes de cooperação por vezes multidisciplinares.

Encontramos a necessidade de enviar-lhes a presente carta por termos a percepção de que essa especificidade de *modus operandi* de nossa pesquisa pode por vezes contrastar significativamente com os aportes metodológicos de orientação hermenêutica, introspectiva, crítica e/ou interpretativista, que são caros e basilares a muitas das subáreas de conhecimento que compõem os estudos Linguísticos, assim como várias tradições de estudos em Letras. Esta discrepância de *modus operandi* em nosso fazer como pesquisadores parece-nos causar uma dificuldade na compreensão das razões da frequência de apresentação de produtos intelectuais assinados por múltiplos autores em nosso subárea.

A razão da co-autoria em estudos de orientação experimental é que pesquisas desta natureza, cuja qualidade as coloca como candidatas a contribuições relevantes para avanços no conhecimento, são empreendimentos que raramente seria levados a cabo por um único pesquisador. O planejamento, a execução e as análises de estudos experimentais são comumente a articulação do trabalho de vários pesquisadores. Tal estado de coisas deriva-se dos severos desafios técnicos e metodológicos que, na Psicolinguística e em outras subáreas que lidam com estudos experimentais, se impõem à construção de reflexões intelectualmente ambiciosas e inovadoras, ou seja, que têm efetivo potencial de impacto. Para esta linhagem de trabalhos, ao desafio certamente bem conhecido por todo pesquisador de Letras e Linguística da interpretação dos significados teóricos de observações de dados, soma-se especificamente dificuldades ligadas aos controles de qualidade necessários para a seleção e elaboração de estímulos para experimentos; à validação da operacionalização em manifestações comportamentais ou fisiológicas registráveis e mensuráveis que é proposta no desenho do estudo para os construtos abstratos; à administração dos experimentos em si aos participantes/sujeitos dos estudos (seja em ambiente laboratorial, seja em ambientes mais naturalísticos); e às diversas possibilidades de escolhas que precisam ser feitas e continuamente avaliadas sobre a adequação dos procedimentos para análises estatísticas inferenciais. Para a realização de trabalhos de boa qualidade, que sejam produzidos em periodicidade suficiente para que haja progresso razoável nas agendas investigativas de projetos de pesquisa, dificilmente os esforços e a especialização de um único estudioso bastariam.

Uma outra faceta das contingências acima descritas é que com igual infrequência poderá ser efetiva e corretamente julgada estritamente mono-autoral, ao menos na subárea da Psicolinguística, os trabalhos desenvolvidos por pesquisadores em formação, como por exemplo os estudantes de Mestrado e/ou Doutorado. Não colocamos absolutamente em dúvida que a experiência educacional vivenciada por tais estudantes normalmente propicie-lhes oportunidades para assumir responsabilidades centrais nas múltiplas etapas dos estudos experimentais, assim como para a aquisição de conhecimentos aprofundados sobre seus vários aspectos. Porém, ainda que as dissertações e teses que marcam a conclusão dessas trajetórias formativas sejam correta e coerentemente um produto assinado exclusivamente

pelo estudante, precisamente pelas complexidades acima mencionadas, dificilmente um projeto de pesquisa de Mestrado ou Doutorado se configura sem integração orgânica a programas de pesquisa articulados por um pesquisador sênior, que é frequentemente o orientador desses estudantes. Assim, ainda que boas dissertações e teses encerrem o potencial de gerar produtos assinados exclusivamente pelo egresso de um curso de pós-graduação, não deveria haver surpresa no fato de que dos frutos desses estudos surjam produtos assinados pelo estudante, pelo recém Mestre ou pelo recém Doutor, e também por outros membros da equipe de pesquisa à qual ele esteve vinculado, inclusive o orientador ou ex-orientador.

Frente ao exposto acima, gostaríamos de propor uma linha de reflexão especificamente aos colegas que são editores dos periódicos, e uma linha de ação aos organizadores de eventos na área de Letras e Linguística em nosso país.

A reflexão ora proposta aos editores de periódicos diz respeito ao questionamento, e quiçá a superação, de suspeitas em torno da idoneidade de trabalhos assinados por múltiplos autores. Não se trata aqui de modo algum de qualquer apologia à exploração do trabalho alheio, que compreendemos que seria configurada através da prática de mera assinatura de manuscritos para cuja construção do conteúdo um suposto autor em nada contribuiu. Trata-se da proposta de planejamento, conforme a realidade de cada periódico, de dispositivos que melhor se adequem à realidade de trabalhos que não seriam concluídos fora de redes de colaboração e interação científica, tal como pesquisas de cunho experimental. Uma sugestão prática de um dispositivo de tal natureza poderia ser a solicitação de declarações acerca da contribuição de cada autor a um trabalho submetido que seja assinado em co-autoria, salvaguardada a compreensão de que uma contribuição digna de ser reconhecida como autoral não se restringe estritamente à redação do texto final, tal como buscamos demonstrar acima.

A linha de ação que gostaríamos de propor aos organizadores de eventos e congressos é a adoção de procedimentos que viabilizem a certificação de trabalhos apresentados nesses encontros profissionais com a menção à totalidade dos autores que por eles assinam, ainda que a comunicação ou apresentação em si tenha sido feita por apenas um ou parte dos autores. Igualmente, e pelo exposto acima, entendemos que é injusto que as divulgações dos programas trabalhos aceitos para comunicação nesses eventos deixem de fazer menção a todos os autores, caso seja indicado no ato de submissão de resumos que se trata de trabalho em co-autoria.

Por acreditarmos no compartilhamento da convicção acerca dos benefícios da pluralidade e do respeito à diversidade entre os membros da área de Letras e Linguística, e nos ideais de inclusão que são fundantes da cultura profissional de nossa área, cremos igualmente que as propostas e os esclarecimentos serão consideradas e acolhidas pelos colegas.

Colocamo-nos à disposição de toda a comunidade para eventuais esclarecimentos.

Atenciosamente,

Coordenadores do GT de Psicolinguística da Anpoll – Biênio 2018-2020